

o Livro  
do  
Cemitério

## CAPÍTULO UM

*De como ninguém ia ao cemitério*

A MÃO ESTAVA NO escuro  
e segurava uma faca.



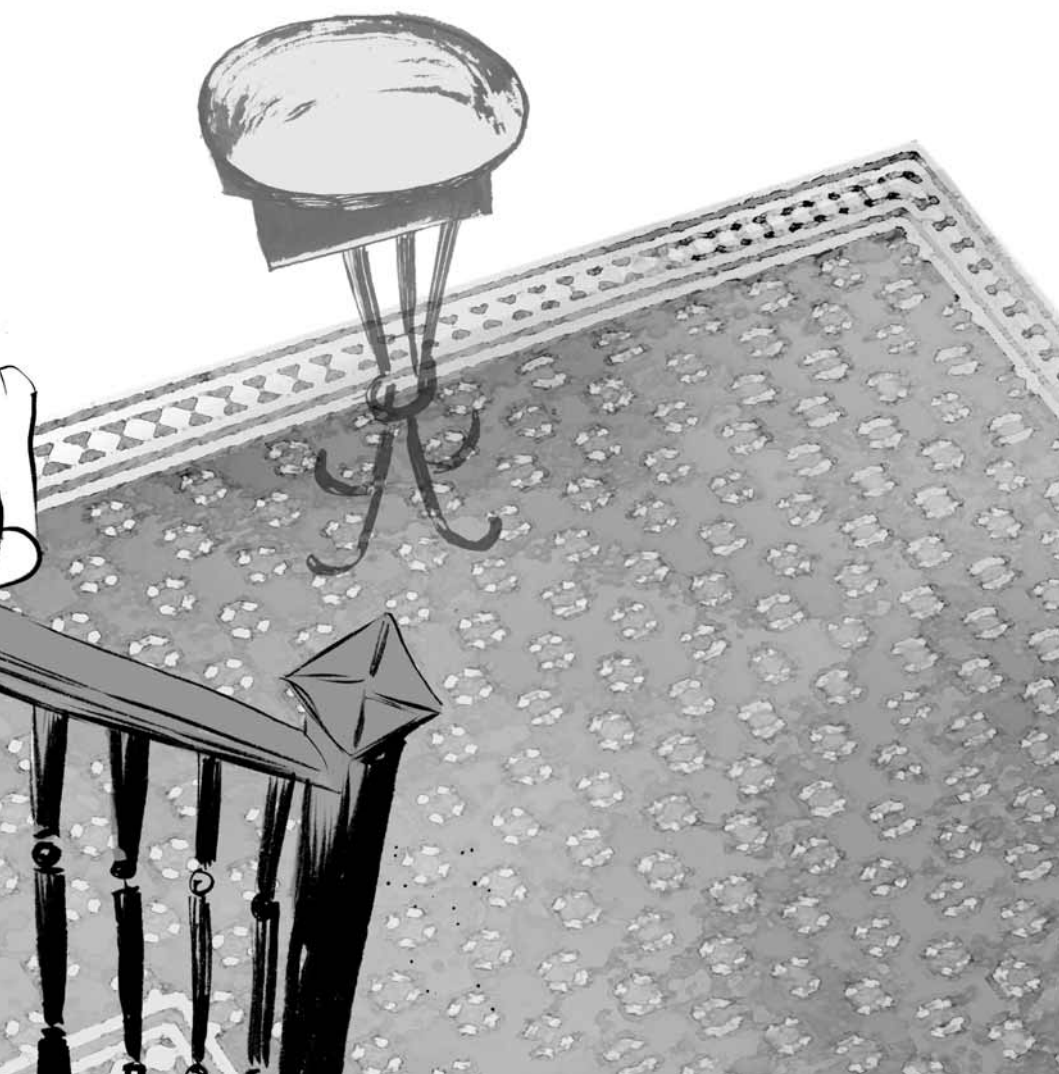




A faca tinha um cabo de osso preto e lustroso, e uma lâmina mais fina e mais afiada do que qualquer navalha. Se ela cortasse você, não daria para saber que foi cortado, não de imediato.

A faca tinha feito quase tudo o que fora fazer naquela casa, e ambos, lâmina e cabo, estavam úmidos.

A porta da rua ainda estava aberta, só um pouco, onde a faca e o homem que a segurava se esgueiraram para dentro,





e fiapos da neblina noturna deslizavam e se enroscavam para dentro da casa pela porta aberta.

O homem chamado Jack parou no patamar da escada. Com a mão esquerda, pegou um grande lenço branco no bolso do casaco preto e com ele limpou a faca e a mão direita enluvada que a segurava; depois guardou o lenço. A caçada estava quase chegando ao fim. Tinha deixado a mulher na cama, o homem no chão do quarto, o filho mais velho em seu quarto de cores vivas, cercado de brinquedos e modelos inacabados. Então só restava o menor, um bebê que nem completara dois anos, para cuidar. Mais um e a tarefa estaria terminada.

Ele flexionou os dedos. O homem chamado Jack era, acima de tudo, um profissional, ou assim ele dizia a si mesmo, e não se permitiria sorrir antes de concluir seu trabalho.



Seus cabelos eram escuros, os olhos eram escuros, e ele usava luvas pretas da mais fina pele de cordeiro.

O quarto do bebê ficava na parte mais alta da casa. O homem chamado Jack subiu a escada, os pés abafados pelo carpete. Depois empurrou a porta do sótão e entrou. Seus sapatos eram de couro preto e engraxados com tal brilho que pareciam espelhos escuros: dava para ver a lua refletida neles, uma meia-lua fina.





A lua de verdade brilhava pela janela de caixilho. Sua luz não era forte, a neblina a deixava difusa, mas o homem chamado Jack não precisava de muita luz. O luar era suficiente. Teria de ser.

Ele podia distinguir a forma da criança no berço, a cabeça, os membros e o tronco.

O berço tinha laterais altas e ripadas para evitar que a criança saísse. Jack se curvou, ergueu a mão direita, a que segurava a faca, mirou no peito...

... e, em seguida, baixou a mão. A forma no berço era um ursinho de pelúcia. Não havia criança alguma.

Os olhos do homem chamado Jack estavam acostumados ao luar fraco, por isso não quis acender a luz. E, afinal, a luz não era importante. Ele tinha outras habilidades.

O homem chamado Jack cheirou o ar. Ignorou os odores que tinham entrado no quarto com ele, desprezou os cheiros que podia ignorar com segurança, aprumou o nariz para o cheiro da coisa que viera encontrar. Sentia o cheiro da criança: um cheiro leitoso, de biscoito de chocolate, com o toque azedo de uma fralda descartável molhada. Ele podia sentir o cheiro do xampu do bebê e de algo pequeno, de borracha – um brinquedo, pensou ele; não, alguma coisa para chupar –, que a criança carregava.

A criança estivera ali. Não estava mais. O homem chamado Jack seguiu o que o nariz lhe dizia escada abaixo da

casa alta e estreita. Examinou o banheiro, a cozinha, o armário de roupa de cama e, por fim, o corredor do primeiro andar, em que não havia nada para ver, a não ser as bicicletas da família, uma pilha de sacolas de compras vazias, uma fralda caída e as gavinhas errantes de névoa que se insinuavam para o corredor pela porta da rua aberta.

O homem chamado Jack fez um barulhinho, um grunhido que continha ao mesmo tempo frustração e satisfação. Deslizou a faca por sua bainha no bolso interno do casaco comprido e foi para a rua. Havia luar e os postes de rua, mas a neblina a tudo sufocava, obscurecia a luz e abafava os sons, tornando a noite sombria e traiçoeira. Ele desceu a ladeira para a luz das lojas fechadas, depois subiu a rua, onde as últimas casas altas encimavam a ladeira a caminho da escuridão do antigo cemitério.

O homem chamado Jack farejou o ar. Depois, sem pressa, começou a subir a ladeira.

Desde que aprendera a andar, o menino fora o desespero e o prazer da mãe e do pai, porque nunca houvera uma criança que andasse tanto, subisse tanto em tudo, entrasse e saísse tanto das coisas. Naquela noite, ele foi acordado pelo baque de algo atrás dele caindo no chão. Desperto, logo ficou entediado e começou a procurar um jeito de sair do berço. Tinha laterais altas, como as paredes de seu cercadinho no primeiro andar, mas ele estava convencido de que podia escalar. Só precisava de um degrau...

Ele puxou o urso de pelúcia grande e dourado para o canto do berço e depois, segurando na grade com as mãos minúsculas, colocou o pé no colo do urso, o outro na cabeça do brinquedo, pôs-se de pé e meio que escalou, meio que trepou na grade, saindo do berço.

Caiu com um baque abafado em um montinho de brinquedos peludos e felpudos, alguns presentes de parentes por seu aniversário de um ano, há não mais de seis meses, alguns herdados do irmão mais velho. Ficou surpreso quando bateu no chão, mas não gritou: se gritasse, eles viriam e o colocariam de volta no berço.

Ele engatinhou para fora do quarto.

As escadas que levavam ao andar de cima eram complicadas e ele não as dominava inteiramente, mas as escadas que desciam, como ele descobriu, eram muito simples. Ele desceu sentado, batendo o traseiro bem acolchoado de degrau em degrau.

Chupava a *pepeta*, a chupeta de borracha que a mãe começara a dizer que não lhe servia mais, pois ele estava ficando grandinho.

Sua fralda se soltou sozinha em sua jornada de bumbum pela escada e, ao chegar ao último degrau, quando atingiu o pequeno corredor e se levantou, a fralda escapou. Ele desvencilhou-se dela. Só usava uma camisola de criança. A escada que levava de volta a seu quarto e a sua família era íngreme, mas a porta da rua estava aberta e era convidativa...

Meio hesitante, a criança saiu da casa. A névoa o envolvia como um amigo que não se vê há muito tempo. Então,

de início inseguro, depois com uma velocidade e uma confiança cada vez maiores, o menino cambaleou ladeira acima.

A neblina ficava mais fina à medida que se aproximava o alto da ladeira. A meia-lua brilhava, não como o dia, de forma alguma, mas o suficiente para ver o cemitério, o suficiente para isso.

Olhe só.

Seria possível ver a capela funerária abandonada, as portas de ferro trancadas a cadeado, hera nas laterais do pináculo, uma arvorezinha crescendo na calha, no nível do telhado.

Daria para ver pedras, túmulos, catacumbas e placas memoriais. Poderia ver o disparar ou escapulir ocasional de um coelho, um arganaz ou uma doninha que saía do subsolo e atravessava o caminho.

Você teria visto essas coisas, à luz da lua, se estivesse ali naquela noite.

Poderia não ver, no entanto, uma mulher pálida e roliça que andava pelo caminho junto aos portões da frente e, se a visse com um olhar mais atento, teria percebido que ela era feita só de luar, névoa e sombras. Mas a mulher pálida e roliça estava ali. Andava pelo caminho que levava a um grupo de lápides meio caídas perto dos portões da frente.

Os portões estavam trancados. Sempre eram trancados às quatro horas da tarde no inverno, às oito da noite no verão. Grades de ferro encimadas por estacas cercavam parte do cemitério e um muro alto contornava o resto. As barras dos portões eram pouco espaçadas: teriam impedido que um

homem adulto passasse por elas, até uma criança de dez anos...

– Owens! – gritou a mulher pálida, numa voz que podia ter sido o farfalhar do vento pela relva alta. – Owens! Venha ver isso!

Ela se agachou e espiou alguma coisa no chão, enquanto um rastro de sombra se movia à luz da lua, revelando-se um homem grisalho em meados dos quarenta anos. Ele olhou para a esposa embaixo, depois olhou o que ela olhava e coçou a cabeça.

– Sra. Owens? – disse ele, porque vinha de uma época mais formal do que a nossa. – É o que penso que seja?

E neste momento a coisa que ele examinava pareceu atrair os olhos da sra. Owens, porque a coisa abriu a boca, deixando cair no chão a chupeta que tinha, e estendeu o dedinho gorducho, como se tentasse ao máximo pegar o dedo pálido da sra. Owens.

– Macacos me mordam – disse o sr. Owens – se isto não é um bebê.

– É claro que é um bebê – disse sua mulher. – A questão é: o que vamos fazer com isso?

– Eu diria que esta é uma boa pergunta, sra. Owens – disse o marido. – Entretanto, não é uma pergunta *nossa*. Pois este bebê aqui está inquestionavelmente vivo, e tal coisa nada tem a ver conosco e não faz parte de nosso mundo.

– Veja como ele sorri! – disse a sra. Owens. – Tem um sorriso tão doce! – E com uma das mãos insubstanciais afa-

gou o cabelo louro e ralo da criança. O menininho riu de prazer.

Uma brisa fria soprou pelo cemitério, espalhando a neblina nos declives mais baixos (porque o cemitério cobria todo o alto da colina e seus caminhos subiam e desciam, voltando a si mesmos). Uma sacudida: alguém na entrada principal do cemitério puxava e agitava, chacoalhando os velhos portões, o cadeado pesado e a corrente que os fechavam.

– Mais essa agora – disse Owens. – É a família do bebê, vindo buscá-lo para seu seio de amor. Deixe o homenzinho aí – acrescentou ele, porque a sra. Owens colocava os braços insubstanciais em volta do bebê, acariciando, afagando.

– Ele não parece da família de ninguém, o mocinho aqui – disse a sra. Owens. O homem de casaco escuro desistira de chacoalhar os portões principais e agora examinava o portão lateral menor. Também estava bem trancado. Tinha havido algum vandalismo no cemitério no ano passado e a Câmara de Vereadores tomara as medidas cabíveis.

– Ande, sra. Owens. Deixe-o. Mas é uma pena – disse o sr. Owens, quando então viu um fantasma, sua boca se escancarou e ele se viu incapaz de pensar no que dizer.

Você pode pensar – e se pensar, terá razão – que o sr. Owens não devia reagir assim ao ver um fantasma, uma vez que o sr. e a sra. Owens estavam eles mesmos mortos e isso já fazia centenas de anos, e porque toda a sua vida social, ou quase isso, foi passada entre aqueles que também estavam mortos. Mas havia uma diferença entre o pessoal do cemi-

tério e *isto*: uma forma rude, palpitante e surpreendente na cor cinza da estática de televisão, toda pânico e pura emoção que inundou os Owens como se as emoções fossem delas. Três figuras, duas grandes e uma pequena, mas só uma delas estava em foco, pouco mais do que um contorno ou um vislumbre. E a figura dizia: “Meu bebê! Ele está tentando machucar meu bebê!”

Um barulho. O homem do lado de fora arrastava uma pesada lixeira de metal do beco até o muro alto que cercava parte do cemitério.

– Proteja meu filho! – disse o fantasma, e a sra. Owens pensou que era uma mulher. É claro, era a mãe do bebê.

– O que ele fez com você? – perguntou a sra. Owens, mas não tinha certeza se o fantasma podia ouvi-la. “Morta há pouco tempo, coitadinha”, pensou ela. Sempre era mais fácil morrer suavemente, acordar na hora certa no lugar em que foi enterrado, entender-se com sua morte e fazer amizade com os outros habitantes. Esta criatura nada tinha além de alarme e medo pela criança, e seu pânico, que aos Owens parecia um grito estridente, agora chamava atenção, porque outras figuras pálidas vinham de todo o cemitério.

– Quem é você? – perguntou Caio Pompeu à figura. Sua lápide agora era só um amontoado desgastado de pedra, mas dois mil anos antes ele fora colocado em seu repouso no monte ao lado do santuário de mármore, em vez de ter o corpo enviado de volta a Roma, e era um dos cidadãos mais antigos do cemitério. Levava suas responsabilidades muito a sério. – Estão enterrados aqui?

– Claro que ela não está! Morta há pouco, a julgar pela aparência. – A sra. Owens colocou o braço em volta da forma feminina e falou com ela em particular numa voz baixa, calma e racional.

Ouviu-se um baque e um estrondo no muro alto depois da viela. A lixeira tinha caído. Um homem trepava no alto do muro, uma silhueta escura contra as luzes da rua tingidas de névoa. Ele parou por um momento, depois desceu pelo outro lado, segurando-se, com as pernas penduradas e, em seguida, se deixou cair os últimos centímetros até o chão do cemitério.

– Mas, minha cara – disse a sra. Owens à forma, agora só o que restava das três figuras que apareceram no cemitério –, ele está vivo. Nós não estamos. Pode imaginar...

A criança os olhava, confusa. Estendeu uma das mãos, depois a outra, sem achar nada, só o ar. A forma feminina esmaecia rapidamente.

– Sim – disse a sra. Owens, em resposta a alguma coisa que ninguém mais ouviu. – Nós o faremos, se pudermos. – Depois ela se virou para o homem ao lado dela. – E você, Owens? Será um pai para este camaradinho?

– Serei o quê? – disse Owens, a testa se enrugando.

– Nunca tivemos filhos – disse a esposa. – E a mãe dele quer que o protejamos. Você dirá sim?

O homem de casaco preto tinha tropeçado no emaranhado de hera e lápides semidestruídas. Agora estava de pé e andava com mais cautela, assustando uma coruja, que



ergueu as asas silenciosas. Ele podia ver o bebê e havia triunfo em seus olhos.

Owens sabia no que a esposa estava pensando quando usava aquele tom de voz. Não era à toa que eram casados, na vida e na morte, por mais de duzentos e cinquenta anos.

– Tem certeza? – perguntou ele. – Tem certeza?

– Mais do que qualquer coisa na vida – disse a sra. Owens.

– Então, sim. Se você for a mãe dele, eu serei o pai.

– Ouviu isso? – perguntou a sra. Owens à forma que bruxuleava no cemitério, agora pouco mais do que um contorno, como um raio distante de verão em forma de mulher. Ela disse alguma coisa à sra. Owens que ninguém mais podia ouvir, depois se foi.

– Ela não voltará aqui – disse o sr. Owens. – Da próxima vez que despertar, estará em seu próprio cemitério ou aonde quer que esteja indo.

A sra. Owens se inclinou para o bebê e estendeu os braços.

– Vamos – disse ela, calorosamente. – Venha com a mamãe.

Para o homem chamado Jack, andando pelo cemitério até eles por um caminho, com a faca já preparada na mão, parecia que um redemoinho de neblina se enroscara em volta da criança, à luz da lua, e que o menino não estava mais ali: só a névoa úmida, o luar e a relva que balançava.

Ele piscou e farejou o ar. Alguma coisa acontecera, mas ele não fazia ideia do que era. Soltou um rosnado do fundo da garganta, como uma fera selvagem, furioso e frustrado.

– Olá? – disse o homem chamado Jack, pensando que talvez a criança tivesse subido atrás de alguma coisa. Sua voz era sombria e áspera e trazia um tom estranho, como se de surpresa ou assombro por se ouvir falar.

O cemitério guardava seus segredos.

– Olá? – chamou ele novamente. Esperava ouvir um choro de bebê ou uma meia palavra, ou ouvi-lo se mexer. Não esperava o que realmente ouviu, uma voz sedosa e suave.

– Posso ajudá-lo?

O homem chamado Jack era alto. Este homem era mais alto. O homem chamado Jack usava roupas escuras. As roupas deste homem eram mais escuras. As pessoas que viam o homem chamado Jack quando ele estava cuidando de sua vida – e ele não gostava de ser visto – ficavam perturbadas, ou pouco à vontade, ou se achavam inexplicavelmente assustadas. O homem chamado Jack olhou o estranho e foi o homem chamado Jack que ficou perturbado.

– Eu estava procurando alguém – disse o homem chamado Jack, metendo a mão direita no bolso do casaco, para que a faca ficasse escondida, mas ali, se precisasse dela.

– Em um cemitério trancado à noite? – disse o estranho.

– Era só um bebê – disse o homem chamado Jack. – Eu estava de passagem quando ouvi um bebê chorar, olhei pelos portões e o vi. Ora, o que qualquer pessoa faria?

– Louvo seu espírito público – disse o estranho. – Entretanto, se conseguisse encontrar esta criança, como pretendia tirá-la daqui? Não pode escalar o muro segurando um bebê.

– Eu teria gritado até que alguém me ouvisse – disse o homem chamado Jack.

Um tilintar pesado de chaves.

– Bem, este seria eu, então – disse o estranho. – Eu teria de deixá-lo sair. – Ele escolheu uma chave no aro, dizendo: – Acompanhe-me.

O homem chamado Jack andou atrás do estranho. Tirou a faca do bolso.

– Então você é o zelador?

– Sou? Certamente, por assim dizer – disse o estranho. Eles andavam na direção dos portões e, o homem chamado Jack tinha certeza, para longe do bebê. Mas o zelador tinha as chaves. Uma faca no escuro, só era preciso isso, e ele procuraria pela criança a noite toda, se fosse necessário.

Ele ergueu a faca.

– Se *havia mesmo* um bebê – disse o estranho, sem olhar para trás – não estaria aqui, no cemitério. Talvez tenha se enganado. Afinal, é improvável que uma criança entre aqui. É muito mais provável que tenha ouvido uma ave noturna ou visto um gato, talvez, ou uma raposa. Há trinta anos, mais ou menos na época do último enterro, este lugar foi declarado reserva natural oficial, sabia? Agora pense bem e me diga se tem *certeza* de que o que viu foi uma criança.

O homem chamado Jack pensou.

O estranho destrancou o portão lateral.

– Uma raposa – disse ele. – Elas fazem os ruídos mais estranhos, não são diferentes de uma pessoa chorando. Não, sua visita a este cemitério foi um equívoco, senhor. A criança que procura espera pelo senhor em algum lugar, mas não

aqui. – E por um momento ele deixou a ideia se acomodar ali, na mente do homem chamado Jack, antes de abrir o portão com um floreio. – Foi uma satisfação conhecê-lo – disse ele. – E confio que encontrará tudo o que precisa fora daqui.

O homem chamado Jack ficou parado do lado de fora dos portões do cemitério. O estranho ficou do lado de dentro e o trancou novamente, retirando a chave.

– Aonde vai? – perguntou o homem chamado Jack.

– Há outros portões além deste – disse o estranho. – Meu carro está do outro lado da colina. Não se incomode comigo. O senhor nem se lembrará desta conversa.

– Não – disse o homem chamado Jack, num tom agradável. – Não me lembrarei. – Ele se lembrava de ter subido a colina, que o que pensava ser uma criança por acaso era uma raposa, que um zelador prestativo o acompanhara de volta à rua. Ele colocou a faca na bainha. – Bem – disse ele. – Boa-noite.

– Uma boa noite para o senhor – disse o estranho que Jack tomava por zelador.

O homem chamado Jack partiu colina abaixo, à procura do bebê.

Das sombras, o estranho olhava Jack, até que ele ficou fora de vista. Então andou pela noite, subindo, até o local plano abaixo da encosta da colina, um lugar dominado por um obelisco e uma pedra achatada incrustada no chão, dedicada à memória de Josiah Worthington, cervejeiro, político e mais tarde baronete local que quase trezentos anos antes

comprara o antigo cemitério e as terras em volta, doando-os à cidade pela eternidade. Reservara para si o melhor lugar da colina – um anfiteatro natural, com vista para toda a cidade e além dela – e garantiu que o cemitério permanecesse como cemitério, pelo que seus habitantes eram gratos, embora não tivessem exatamente a gratidão que Josiah Worthington, baronete, achava que deviam ter.

Dito isto, havia cerca de dez mil almas no cemitério, mas a maioria dormia profundamente ou não se interessava pelos constantes assuntos noturnos do lugar, e havia menos de trezentas delas ali, no anfiteatro, à luz da lua.

O estranho as alcançou no mesmo silêncio da neblina e olhou os procedimentos se desenrolarem, das sombras, sem dizer nada.

Josiah Worthington falava.

– Minha cara senhora, sua obstinação é deveras, é... Bem, não pode entender o ridículo disto?

– Não – disse a sra. Owens. – Não posso.

Ela estava sentada de pernas cruzadas no chão e a criança viva dormia em seu colo. Ela aninhava sua cabeça nas mãos pálidas.

– O que a sra. Owens está tentando dizer, senhor, com o perdão de Sua Excelência – disse o sr. Owens, de pé ao lado da mulher –, é que ela não entende a questão dessa maneira. Ela entende que está cumprindo seu dever.

O sr. Owens tinha visto Josiah Worthington em carne e osso quando ambos estavam vivos; na realidade, fizera vários móveis finos para o solar dos Worthington, perto de Inglesham, e ainda tinha medo dele.

– Seu *dever*? – Josiah Worthington, baronete, sacudiu a cabeça, como quem tenta desalojar uma teia de aranha. – O seu *dever*, senhora, é para com o cemitério, e para com a associação dos que formam esta população de espíritos desencarnados, espectros e entidades semelhantes, e seu *dever*, portanto, é devolver esta criatura assim que possível a seu lar natural... Que não é aqui.

– A mãe dele o deu a mim – disse a sra. Owens, como se não precisasse dizer mais.

– Minha cara mulher...

– Eu não sou sua cara mulher – disse a sra. Owens, colocando-se de pé. – Para falar a verdade, nem mesmo sei por que ainda estou aqui falando com o senhor, um velho ruim da cachola, quando este amiguinho vai acordar faminto muito em breve... E onde vou encontrar comida para ele no cemitério, devo perguntar?

– E esta – disse Caio Pompeu, rigidamente – é precisamente a questão. *Como* o alimentará? *Como poderá* cuidar dele?

Os olhos da sra. Owens arderam.

– Posso cuidar dele – disse ela –, assim como a mamãe dele. Ela já o deu a mim. Escute: eu o estou segurando, não estou? Estou tocando nele.

– Ora, raciocine, Betsy – disse Mãe Abate, uma coisinha mínima, com a touca imensa e a capa que ela usara em vida e vestia em seu enterro. – Onde ele moraria?

– Aqui – disse a sra. Owens. – Podemos dar a ele a Liberdade do Cemitério.

A boca de Mãe Abate formou um O minúsculo.

– Mas... – disse ela. Depois disse: – Nunca vi tal coisa.

– Bem, e por que não? Não seria a primeira vez que daríamos a Liberdade do Cemitério a alguém de fora.

– Lá isto é verdade – disse Caio Pompeu. – Mas *ele* não está *vivo*.

E com essa o estranho percebeu que estava sendo atraído para a conversa, mesmo contra a vontade, e saiu relutante das sombras, desligando-se delas como um pedaço de escuridão.

– Não – ele concordou. – Não estou. Mas entendo o argumento da sra. Owens.

– Entende, Silas? – disse Josiah Worthington.

– Sim. Bem ou mal... e creio firmemente que é para o bem... a sra. Owens e seu marido tomaram esta criança sob sua proteção. Precisaremos mais do que algumas almas de bom coração para criar esta criança. Será preciso – disse Silas – todo um cemitério.

– E quanto à comida, e o resto?

– Posso sair do cemitério e voltar. Posso trazer comida para ele – disse Silas.

– Está tudo muito bem que diga isso – disse Mãe Abate. – Mas você entra e sai e ninguém sabe aonde foi. Se sumir por uma semana, o menino poderá morrer.

– É uma mulher sensata – disse Silas. – Entendo por que falam tão bem da senhora. – Ele não pressionaria a mente dos mortos como não o faria com os vivos, mas podia usar todos os instrumentos da lisonja e da persuasão que possuía,

uma vez que os mortos também não eram imunes a eles. Depois ele tomou uma decisão. – Muito bem. Se o sr. e a sra. Owens serão os pais dele, eu serei seu guardião. Ficarei aqui e, se precisar sair, garantirei que alguém assuma meu lugar, trazendo comida para a criança e cuidando dela. Podemos usar a cripta da capela – acrescentou ele.

– Mas – advertiu Josiah Worthington. – Mas... Uma criança humana. Uma criança viva. Quero dizer. Quero dizer, *quero dizer*. Isto é um cemitério, e não uma creche, maldição.

– Exatamente – disse Silas, assentindo. – Um argumento muito bom, sr. Josiah. Eu mesmo não teria colocado de forma melhor. E por este motivo, se não por outro, é fundamental que a criança seja criada com a menor perturbação possível à, se me perdoar a expressão, *vida* do cemitério. – E assim ele andou até a sra. Owens, olhando o bebê adormecido em seus braços. Ele ergueu uma sobrancelha. – Ele tem um nome, sra. Owens?

– A mãe dele não me disse – respondeu ela.

– Ora, então – disse Silas. – Seu antigo nome não será de muita valia para ele agora, de qualquer maneira. Há lá fora quem queira seu mal. Devemos então escolher um nome para ele, certo?

Caio Pompeu se aproximou e olhou a criança.

– Ele é um pouco parecido com meu procônsul, Marcos. Vamos chamá-lo de Marcos.

Josiah Worthington disse:



– Ele é mais parecido com meu jardineiro-chefe, Stebbins. Não estou sugerindo que Stebbins seja um bom nome. O homem bebia feito uma esponja.

– Ele parece meu sobrinho Harry – disse Mãe Abate, e parecia então que todo o cemitério estava prestes a se juntar, cada habitante propondo suas comparações entre o bebê e alguém há muito esquecido, quando a sra. Owens interrompeu.

– Ele só se parece consigo mesmo – disse a sra. Owens com firmeza. – Ninguém é parecido com ele.

– Então se chamará *Ninguém* – disse Silas. – Ninguém Owens.

Foi então que, como se respondesse ao nome, a criança abriu os olhos, totalmente desperta. Olhou em volta, apreendendo as faces dos mortos, a neblina e a lua. Depois olhou para Silas. Seu olhar não vacilou. Parecia grave.

– Mas que nome é esse, Ninguém? – perguntou Mãe Abate, escandalizada.

– O nome dele. É um bom nome – disse-lhe Silas. – Vai ajudar a mantê-lo em segurança.

– Eu não quero problemas – disse Josiah Worthington. O bebê olhou para ele e depois, com fome, cansado ou simplesmente com saudades de casa, de sua família, de seu mundo, contorceu a carinha e começou a chorar.

– Deixe-nos – disse Caio Pompeu à sra. Owens. – Discutiremos isto mais detalhadamente sem você.

A sra. Owens esperou do lado de fora da capela funerária. Fora decretado, mais de quarenta anos antes, que a construção, com a aparência de uma pequena igreja com um pináculo, era oficialmente um prédio de interesse histórico. A Câmara de Vereadores da cidade concluiu que custaria muito caro restaurá-la, uma pequena capela em um cemitério tomado de mato que já saíra de moda, então a trancaram com cadeado e esperaram que ruísse. A hera a cobriu, mas sua construção era sólida e ela não ruiu neste século.

A criança tinha dormido nos braços da sra. Owens. Ela a balançava delicadamente, cantando uma antiga cantiga, que sua mãe cantava quando ela própria era um bebê, nos tempos em que os homens começavam a usar perucas empoadas. A música dizia:

*Dorme meu nenenzinho,  
Dorme até acordar.  
Quando crescer verá o mundo  
Se eu não me enganar.  
Beije uma amada,  
Dance uma melodia,  
Encontre seu nome  
E tesouros enterrados...*

E a sra. Owens cantou tudo isso antes de descobrir que tinha se esquecido de como a música terminava. Teve a sensação de que o último verso era alguma coisa parecida com “e um pouco de bacon cabeludo”, mas podia ser de uma

música totalmente diferente, então ela parou e, em vez disso, cantou aquela sobre o homem da Lua que logo viria e depois cantou, com sua voz campestre calorosa, uma música mais recente sobre um sujeito que meteu o polegar dentro de uma torta e tirou uma ameixa, e ela havia acabado de começar uma longa balada sobre um jovem cavalheiro do campo, cuja namorada o envenenara sem nenhum motivo, com um prato de enguias sarapintadas, quando Silas contornou a lateral da capela, trazendo uma caixa de papelão.

– Lá vamos nós, sra. Owens – disse ele. – Muitas coisas boas para um menino em crescimento. Podemos guardar na cripta, hein?

O cadeado caiu em suas mãos e ele abriu a porta de ferro. A sra. Owens entrou, olhando em dúvida para as prateleiras e para os bancos de madeira antigos encostados numa parede. Havia caixas mofadas de velhos registros paroquiais num canto e uma porta aberta revelava uma latrina vitoriana e uma bacia, com apenas uma válvula para vapores, no outro.

O bebê abriu os olhos e fitou.

– Podemos colocar a comida aqui – disse Silas. – É frio e a comida durará mais tempo. – Ele colocou a mão na caixa, tirando uma banana.

– E o que seria isso? – perguntou a sra. Owens, olhando o objeto amarelo e marrom com desconfiança.

– É uma banana. Uma fruta dos trópicos. Creio que deve retirar a casca por fora – disse Silas –, assim.

A criança – Ninguém – se remexeu nos braços da sra. Owens e ela o colocou nas lajes. Ele engatinhou rapidamente para Silas, agarrando-se à perna de sua calça e segurando-se ali.

Silas lhe passou a banana.

A sra. Owens olhou o menino comer.

– Ba-na-na – disse ela, em dúvida. – Nunca ouvi falar nisso. Nunca. Tem gosto de quê?

– Não faço a menor ideia – disse Silas, que só consumia um alimento e não era banana. – Pode montar uma cama aqui para o menino, sabia?

– Não farei tal coisa, já que Owens e eu temos uma pequenina e adorável tumba no caminho de narcisos. Com muito espaço para o menino. De qualquer modo – acrescentou ela, preocupada que Silas pudesse pensar que ela estava rejeitando sua hospitalidade –, eu não gostaria que o amiguinho o incomodasse.

– Ele não incomodaria.

O menino tinha acabado com a banana. O que não comeu agora estava espalhado por seu corpo. Ele estava radian- te, sujo e com maçãs rosadas.

– Na-na – disse ele, feliz.

– Mas que coisinha inteligente ele é – disse a sra. Owens. – E que bagunça fez! Ora, comporte-se, sua minhoquinha...

– E ela tirou os nacos de banana de suas roupas e do cabe- lo. E depois: – O que acha que eles vão decidir?

– Não sei.

– Não posso abrir mão dele. Não depois de ter prome- tido à mãe.

– Embora eu tenha sido muitas coisas em meus tempos – disse Silas –, nunca fui mãe. E não pretendo começar agora. Mas *posso* deixar este lugar...

A sra. Owens disse simplesmente:

– Eu não posso. Meus ossos estão aqui. E os de Owens também. Eu nunca partirei.

– Deve ser bom – disse Silas – ter um lugar que seja seu. Um lugar que seja o lar. – Não havia nada de tristonho no modo como ele disse isso. Sua voz era mais seca do que os desertos e ele falou como se simplesmente declarasse algo indiscutível. E a sra. Owens não discutiu.

– Acha que teremos de esperar muito tempo?

– Não muito – disse Silas, mas estava enganado em relação a isso.

No anfiteatro na encosta da colina, o debate continuava. O fato de que os Owens tinham se envolvido nesse absurdo, e não um diabinho novato qualquer, contava muito, porque os Owens eram respeitáveis e respeitados. Tinha seu peso que Silas se oferecesse para ser o guardião do menino – Silas era considerado, com certo temor, cauteloso pelo povo do cemitério, existindo daquele jeito, na fronteira entre o mundo deles e o mundo que eles deixaram. Mas ainda assim, ainda assim...

Um cemitério normalmente não é democrático; no entanto, a morte é a grande democracia e cada um dos mortos tinha voz e uma opinião se a criança viva podia ficar, e cada um deles estava decidido a ser ouvido esta noite.

Era final de outono e o dia logo iria raiar. Embora o céu ainda estivesse escuro, agora podiam ser ouvidos carros

dando a partida ao pé da colina e, enquanto os vivos começavam a dirigir para o trabalho pela manhã nevoenta e escura como a noite, o povo do cemitério falava da criança que veio a eles e do que seria feito. Trezentas vozes. Trezentas opiniões. Nehemiah Trot, o poeta, do lado noroeste e arruinado do cemitério, começara a declamar seus pensamentos sobre a questão, embora ninguém pudesse dizer o que fossem, quando uma coisa aconteceu; uma coisa para silenciar cada boca cheia de opiniões, algo sem precedentes na história do cemitério.

Um imenso cavalo branco, do tipo que os conhecedores de cavalos chamariam de “tordilho”, veio a passo lento pela encosta da colina. O bater de seus cascos podia ser ouvido antes que ele fosse visto, junto com o esmagar que fazia ao pisar em pequenos arbustos e galhos, em meio aos arbustos, à hera e ao tojo que cresciam desordenados na encosta. Era do tamanho de um cavalo Shire, tinha dezenove palmos ou mais. Era um cavalo que podia ter carregado um cavaleiro de armadura completa em combate, mas só o que levava em seu dorso em pelo era uma mulher, vestida de cinza da cabeça aos pés. A saia comprida e o xale podiam ter sido tecidos de velhas teias de aranha.

Seu rosto era sereno e tranquilo.

Eles a conheciam, o povo do cemitério, porque cada um de nós encontra a Dama de Cinza no fim de nossos dias e não havia como esquecê-la.

O cavalo parou ao lado do obelisco. A leste o céu clareava delicadamente, uma luminescência perolada pré-ama-

nhecer que deixava o povo do cemitério pouco à vontade e os fazia pensar em voltar a seus lares confortáveis. Mesmo assim, nenhum deles se mexeu. Olhavam a Dama de Cinza, entre animados e apavorados. Os mortos não são supersticiosos, em geral não, mas a olhavam como um adivinho romano teria olhado o círculo sagrado dos corvos, procurando sabedoria, procurando uma dica.

E ela falou com eles.

Numa voz como o tilintar de cem sininhos de prata, ela disse apenas isto:

– Os mortos devem ter caridade. – E sorriu.

O cavalo, que estivera satisfeito arrancando e mascando um maço de relva grossa, avançou. A dama tocou o pescoço do cavalo e ele se virou. Deu vários passos imensos e ruidosos, depois estava fora da encosta da colina e galopava pelo céu. Seus cascos de trovão tornaram-se um ronco de trovoadas distantes e, segundos depois, se perdeu de vista.

Isso, pelo menos, foi o que afirmou ter acontecido o povo do cemitério que estava na encosta da colina naquela noite.

O debate estava encerrado e, apenas com gestos, foi decidido. A criança chamada Ninguém Owens receberia a Liberdade do Cemitério.

Mãe Abate e Josiah Worthington, baronete, acompanharam o sr. Owens até a cripta da antiga capela e contaram a novidade à sra. Owens.

Ela pareceu não se surpreender com o milagre.

– É isso mesmo – disse ela. – Alguns deles não têm juízo nenhum na cabeça. Mas *ela* tem. É claro que ela tem.

Antes que o sol surgisse numa manhã cinzenta e trovejante, a criança estava em sono profundo na linda tumba dos Owens (pois o sr. Owens tinha morrido chefe próspero da guilda local de fabricantes de móveis, e os fabricantes de móveis quiseram garantir que ele fosse corretamente homenageado).

Silas saiu para uma última jornada antes de o sol nascer. Localizou a casa alta na encosta da colina, examinou os três corpos que encontrou lá e estudou o padrão dos ferimentos à faca. Quando ficou satisfeito, saiu para a escuridão da manhã, a cabeça fervilhando de possibilidades desagradáveis, e voltou ao cemitério, ao pináculo da capela, onde dormiu e esperou que o dia se encerrasse.

Na cidadezinha ao pé da colina, o homem chamado Jack ficava cada vez mais furioso. Fora a noite que ele desejara por muito tempo, o ápice de meses – de anos – de trabalho. E as atividades da noite começaram de uma forma tão promissora – três pessoas derrubadas antes que qualquer uma delas sequer tivesse a chance de gritar. E depois...

Depois, tudo saíra enlouquecedoramente errado. Por que diabos ele subira a colina quando a criança evidentemente a *descera*? Quando ele chegou ao pé do morro, o rastro tinha esfriado. Alguém deve ter encontrado a criança, alguém a pegara e escondera. Não havia outra explicação.

Um estalo de trovão soou, alto e súbito como um tiro, e a chuva começou a cair para valer. O homem chamado Jack era metódico e começou a planejar seu movimento seguinte – os telefonemas que precisaria dar a determinadas pessoas, pessoas que seriam seus olhos e ouvidos na cidade.

Ele não precisaria contar à Convocação que fracassara.

De qualquer modo, disse ele a si mesmo, espremendo-se sob a fachada de uma loja enquanto a chuva da manhã



caía como lágrimas, ele não fracassara. Ainda não. O futuro diria que não. Havia muito tempo. Tempo para encerrar esta última questão inacabada. Tempo para cortar o último fio.

Foi só quando as sirenes da polícia soaram e uma primeira viatura, depois uma ambulância, depois um carro civil da polícia com a sirene aos berros, passaram voando por ele a caminho do alto da colina, que o homem chamado Jack, relutante, virou para cima a gola do casaco, baixou a cabeça e se afastou na manhã. Sua faca estava no bolso, segura e seca dentro da bainha, protegida da inclemência dos elementos.

